

O bullying não é brincadeira: é violência. E as escolas não podem continuar a fingir que não veem

written by Alexandra Serra | 22 de Novembro, 2025

OCIDADÃO
Análise e Opinião

OPINIÃO
Alexandra Serra



Num país que se orgulha de ser civilizado, é inadmissível que uma criança de 9 anos saia da escola com as pontas dos dedos amputadas – e que a resposta da instituição seja classificá-lo como uma “brincadeira que correu mal”. O caso do pequeno José Lucas, agredido por colegas na Escola Básica de Fonte Coberta, em Cinfães, é um grito de alerta que não pode ser abafado por burocracias, inquéritos internos ou desculpas esfarrapadas.

Segundo a mãe da vítima, o menino foi seguido até à casa de banho, onde dois colegas lhe prenderam os dedos na porta com tal violência que provocaram amputações. Ele perdeu muito

sangue, rastejou por baixo da porta para pedir ajuda, e ainda assim, a escola tratou o episódio com uma leveza revoltante. Não foi um acidente. Não foi uma travessura. Foi uma agressão. Foi bullying. Foi violência.

E não foi a primeira.

A mãe já tinha alertado a escola para episódios anteriores de maus-tratos. Nada foi feito. Nenhuma medida preventiva, nenhum acompanhamento psicológico, nenhuma responsabilização. A resposta institucional foi o silêncio cúmplice que tantas vezes protege os agressores e abandona as vítimas.

Este caso é apenas a face mais visível de um problema estrutural: a banalização do bullying nas escolas portuguesas. Quantas vezes ouvimos diretores, professores ou auxiliares dizerem “são coisas de miúdos”, “eles resolvem entre si”, “não foi assim tão grave”? Quantas vezes os pais são descredibilizados quando denunciam agressões? Quantas crianças continuam a sofrer em silêncio porque ninguém as leva a sério?

A escola tem de ser um lugar seguro. Um espaço de aprendizagem, de crescimento, de proteção. Quando entregamos os nossos filhos à porta de uma escola, confiamos que estarão em boas mãos. Mas essa confiança está a ser traída por uma cultura de minimização, por uma falta de formação em gestão de conflitos e por uma ausência gritante de empatia.

Este texto é um apelo e uma acusação.

Aos diretores: parem de proteger a reputação da escola à custa da integridade das crianças. A vossa prioridade deve ser a segurança, não os relatórios estatísticos.

Aos professores: não ignorem os sinais. O silêncio de uma criança, os olhos tristes, os pedidos de ir à casa de banho com medo – tudo isso fala mais alto do que palavras.

Aos auxiliares: vocês estão nas linhas da frente. Observam os

recreios, os corredores, os cantos onde o bullying se esconde. A vossa vigilância pode salvar vidas.

E ao Ministério da Educação: é urgente rever protocolos, reforçar equipas de psicólogos, criar canais de denúncia eficazes e responsabilizar quem falha.

Porque o que aconteceu ao José Lucas não pode voltar a acontecer. Porque nenhuma criança deve ter medo de ir à escola. Porque o bullying mata – se não o corpo, a alma.

E porque brincar nunca, jamais, deve doer.